



Jornalismo, Memória e História Oral¹

Margareth de Oliveira MICHEL²

Jerusa de Oliveira MICHEL³

Universidade Católica de Pelotas – UCPEL, Pelotas - RS

RESUMO

Em um cenário onde os veículos de comunicação passam a operar na produção de memórias sociais este artigo tem como objetivo apresentar reflexão sobre a relação jornalismo, memória e história oral. O trabalho aborda primeiramente o fazer jornalístico – em especial o comunitário, a seguir estão as concepções de memória e de história oral, e finaliza com uma relação entre esses campos do conhecimento, com o estudo de caso do jornal comunitário “O Pescador” elaborado pelos alunos de Jornalismo da Universidade Católica de Pelotas em parceria com a comunidade de pescadores Z3, por meio de análise de seu conteúdo, gêneros jornalísticos presentes no jornal mostrando que existe sim uma relação entre a produção jornalística comunitária e construção e preservação de memória, especialmente por meios de narrativas orais representadas pelos depoimentos dos moradores em suas páginas.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Comunitário; Memória; História Oral; O Pescador.

Introdução

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a relação jornalismo, memória e história oral. Isto porque é na contemporaneidade que a sociedade está envolvida como nunca com a memória e seus processos de produção e porque o jornalismo como prática social está localizado no centro de tudo isso. Partindo dessa proposição, busca-se explorar aqui essas relações entre jornalismo, memória e história, seja com relação à concepção do Jornalismo enquanto um repositório de memória pela produção de relatos históricos em suas diferentes mídias, seja no que se refere aos padrões do trabalho de Memória associados à própria produção dos gêneros e textos jornalísticos. Isto fica claro na afirmativa a seguir.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Professora dos Programa de Pós-Graduação em Comunicação curso de Comunicação Social da UCPEL, Pelotas/ RS, Mestre em Desenvolvimento Econômico e Social e Mestre em Linguística Aplicada pela UCPEL, Graduada em Comunicação Social – Habilitações Relações Públicas e Jornalismo, e graduada em Psicologia, pela Universidade Católica de Pelotas, email: margareth.michel@gmail.com.

³ Doutoranda no Programa Memória Social e Patrimônio Cultural, pela Universidade Federal de Pelotas, Mestre em Memória Social e Cultural pela UFPEL, especialista em Gestão de Eventos - Ênfase Organizacional e Institucional pela Faculdade de Tecnologia SENAC Pelotas. Graduada em Comunicação Social – Habilitações Relações Públicas e Jornalismo pela Universidade Católica de Pelotas, Relações Públicas na Coordenadoria de Comunicação UFPEL, e-mail: jerusa.michel@gmail.com



O registro do cotidiano é tarefa própria da atividade jornalística. Não raras vezes, esse registro torna-se a mais completa, se não a única, documentação dos fatos recorrentes em uma comunidade e as notícias arquivadas, o fio da memória local. O jornalismo, mesmo involuntariamente, escreve a história do lugar. (DEOLINDO, 2005, p.1)

Bosi (1994) explica que o passado e o presente são articulados por meio das lembranças, cujo instrumento socializador é a linguagem, lembranças que podem ser condicionadas através das ações do cotidiano (lembrança-hábito) ou lembranças independentes de quaisquer costumes, aquelas singulares cujo caráter é evocativo, mas que ficam registradas ao serem ditas e/ou escritas. Para a autora a linguagem “reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual” (BOSI, 1994, p.56). Ao serem registradas, as lembranças ao serem reconhecidas e reconstruídas por “por integrantes de um mesmo grupo ou sociedade, temos a memória coletiva, quando as representações de passado e presente, além dos significados, são compartilhados socialmente (Halbwachs, 2006, p.38). Nessa perspectiva, o Jornalismo traz para os grupos sociais, para as comunidades, notícias capazes de suscitar o sentido do comum, despertando o interesse público, ao produzir um conhecimento sobre o seu cotidiano.

Ora, o jornal é produzido pelo jornalismo, campo que pressupõe sua ação social como já foi dito, por isso, tratar do jornalismo é tratar de sua ação no espaço da memória social. E o Jornal, especialmente o comunitário, tem figurado em muitos trabalhos como suporte da expressão da memória de grupos, um lugar de informação sobre o que as comunidades pensam, podendo-se perceber que ele não se constitui como propagador intencional da memória. Entender esta situação permite compreender o jornalismo e sua prática, as suas relações com os leitores e o público, as identidades e representações sociais, bem como sua relação com os estudos sobre memória individual, coletiva e social. O interesse por este campo de estudos surgiu do contato das autoras com o jornal comunitário “O Pescador”, da Escola de Comunicação Social da UCPEL, criado pelo professor Jairo Sanguiné na disciplina de Redação em Jornalismo, cuja proposta trata da produção de um veículo de comunicação comunitário impresso, de periodicidade regular e distribuído gratuitamente na Colônia de Pescadores Z3 em Pelotas.

Para entender melhor esta realidade o presente trabalho propõe de um modo geral, relacionar o campo do jornalismo – especialmente por meio de seus gêneros com as concepções de memória e de história oral.



Jornalismo e jornalismo comunitário

Mesmo com o passar do tempo, a palavra comunicação ainda pode ser definida como: diálogo, entendimento, transmissão, informação, conhecimento... Em sua obra *Comunicação Social – Teoria e Pesquisa*, Marques de Melo nos apresenta um estudo detalhado sobre o termo e nos diz que a comunicação

(...) pressupõe o intercâmbio de experiências entre pessoas de gerações diferentes, ou de uma mesma geração, assegurando a renovação constante das experiências individuais, que se transforma em patrimônio coletivo. Vivemos numa época em que a mídia assume um papel de educadora coletiva, podendo facilitar a difusão de conhecimentos capazes de orientar o comportamento dos cidadãos em todas as dimensões. Pedagogicamente podemos dizer que Comunicação é o processo de transmissão de experiências e ensinamentos. (MARQUES DE MELO(1973) apud RABAÇA; BARBOSA, 2001, p. 158)

De acordo com Carnicel (2010, p. 35-36), o sistema de educação exposto por Marques de Melo pode ser identificado “tanto num trabalho jornalístico como numa atividade de produção de conhecimento no campo da história oral, pois ambas as técnicas da comunicação humana pressupõem intercâmbio e renovação de experiências individuais e/ou coletivas”. Entretanto, para este autor, torna-se complexo definir em que momento acontece a passagem de uma esfera a outra, pois, as informações como um “produto” podem ter sido registradas através de diferentes maneiras de captação, seja através dos instrumentos utilizados, seja através do tempo destinado para a coleta dos depoimentos. Para uma melhor compreensão desse modo de comunicação, convém antes conceituar e explicar o processo de criação do jornalismo como raiz e do processo de produção do jornalismo comunitário. Segundo Michael Kunczik (1997) foram os bardos viajantes, os predecessores dos jornalistas da atualidade uma vez que estes discorriam sobre os acontecimentos cotidianos em mercados e também nas cortes aristocráticas.⁴ Foi Gutenberg em 1447, ao inventar a prensa e os tipos móveis que inaugurou uma nova era, a era do jornal moderno e possibilitou a disseminação do conhecimento e o intercambio de idéias na Europa Ocidental. Os jornais começaram a surgir como publicações periódicas freqüentes na primeira metade do século XVII e as

⁴ A Associação Nacional de Jornais⁴ nos diz que o primeiro jornal conhecido é o *Acta Diurna*, que surgiu em Roma por volta de 59 a.C. e teria sido uma iniciativa de Julio César.



notícias veiculadas eram em sua maioria sobre a Europa e incluíam, ocasionalmente, informações sobre a América e a Ásia.

O jornalismo sofreria outra grande transformação em 1844 com a invenção do telégrafo. Este permitiu que as informações fossem transmitidas em questões de minutos, possibilitando a inclusão de relatos mais atuais e relevantes no cotidiano dos jornais. Foi neste período que os jornais se tornaram o principal veículo de divulgação e recepção de informações. Conforme seu gênero, os textos jornalísticos passaram a desempenhar diferentes funções em relação ao leitor, que são informar, explicar ou orientar. Para realização de análise destas funções, são propostas três categorias básicas: a primeira caracterizada pelo jornalismo informativo (nota, notícia, reportagem, e entrevista); a segunda em que se enquadra o jornalismo interpretativo (reportagem em profundidade), e por fim, aquela que contém o jornalismo opinativo (editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada, opinião do leitor).

O jornalismo como conhecemos hoje, é fruto de uma troca de comunicações, que se basearia na chamada “imparcialidade jornalística” e existiria para guiar a sociedade num caminho de justiça e igualdade. Luiz Beltrão e Newton de Oliveira Quirino (1986) nos dizem que a sociedade e a comunicação estão intimamente ligadas e que se pode determinar o nível de civilização de uma sociedade ou agrupamento social pelas formas, instrumentos e eficácia de seu sistema comunicacional.

A sociedade se confunde em sua estrutura com a cultura, na medida em que representa um fenômeno gerado simbolicamente pela comunicação. A comunicação é o mecanismo de coordenação da interação social, torna possível o consenso entre as pessoas. Em função disso, não pode ser reduzida à pura e simples transmissão de experiências, consiste no processo pelo qual os sujeitos têm uma experiência comum da realidade, constroem seu mundo como coletividade (RÜDIGER, 1998, p. 37).

Comunicar é então, muito mais do que simplesmente transmitir informações. O mundo como conhecemos hoje gira em torno dos acontecimentos e daquilo que é noticiado pelos veículos de comunicação. Dentro deste conceito surge o jornalismo comunitário que tem como objetivo se desvincular da lógica dos veículos de comunicação de massa e assumir o papel que todo o jornal deveria desempenhar que é o papel social.

O Jornalismo comunitário se dirige a um grupo social unido em torno de interesses comuns e deve ser basear, assim como qualquer tipo de jornalismo, na verdade dos



fatos, na pesquisa de dados, na explicação de fenômenos e na interpretação da realidade. É isso que dará a proximidade do jornal com a comunidade a que se destina ou a partir do qual é feito e que criará uma identidade para o mesmo, ao contrário do que acontece com os grandes veículos de comunicação que estão distantes da comunidade ou nem sequer a conhecem.

Ao criar um veículo de comunicação comunitária é preciso que haja interação com a comunidade na qual está inserido. O jornalista que desempenha esse tipo de atividade geralmente conhece as pessoas pelo nome, aceita e respeita o modo de vida dessas pessoas e a maneira como se expressam ainda que de forma coloquial ou errada. O jornal comunitário enquanto comunicação horizontal passa a ser a voz da comunidade, mediando o discurso destes sujeitos e dos demais discursos sociais, pois articula as muitas vozes que se tornam públicas no espaço midiático, organizando-as na referência dos fatos no processo de construção textual e imagético, que se tornará material simbólico ao ser captado pela memória social.

O jornal comunitário deve e busca ser o espelho da comunidade a que se destina, para assim construir uma estreita relação entre os sujeitos interagentes. Campos (2006) defende que o jornalismo comunitário é uma prática voltada “(...) para os interesses de um grupo de pessoas que vivem em comunidade porque têm algo em comum: o mesmo bairro, o mesmo trabalho, a mesma religião, a mesma escola, o mesmo sindicato etc”. Segundo Campos (2006), o jornalista observa a comunidade profundamente, ele participa dela e consegue então retratá-la e mostrar a vida desta comunidade como alguém que vive nela.

A Memória

Para Ivan Izquierdo (1989) existem basicamente duas maneiras de conceber o fluxo de tempo, uma é olhando do passado em direção ao futuro e a outra é olhando do futuro em direção ao passado, entretanto, segundo o autor “em qualquer um dos casos, o fluxo nos atravessa em um ponto, que denominamos presente” (1989, p. 89). Em seu artigo Memórias, Izquierdo nos diz que:

Esse ponto evanescente, porém, é nossa única posse do real: o futuro não existe ainda (...) e o passado não mais existe, salvo sob a forma de memórias. Não há tempo sem um conceito de memória; não há presente sem um conceito de tempo; não há realidade sem memória e sem uma noção de presente, passado e futuro. (IZQUIERDO, 1989, p. 89)



Para o autor podemos classificar as memórias de diferentes formas como, por exemplo, quanto à duração, existem três tipos: a memória imediata (que dura segundos), a de curta duração (de uma a seis horas) e a de longa duração (horas, dias, anos). Também é chamada de memória remota a que se estende por décadas. Quanto à função, temos a memória operacional (ou memória de trabalho), que não deixa arquivos permanentes, as memórias declarativas e as procedurais (hábitos). Memórias declarativas guardam a lembrança do rosto de alguém, de um lugar, de um poema. As procedurais, ou hábitos, provêm da aquisição de habilidades sensoriais e/ou motoras, como dirigir ou digitar.

É a memória então que nos proporciona um senso histórico e o senso de identidade pessoal. É através das memórias que construímos o aprendizado, pois sem memórias o aprendizado não existe, assim como não há aprendizado sem experiências. Sendo assim, as memórias são fruto daquilo que alguma vez percebemos ou sentimos. Ela pode ser considerada “a aquisição, conservação e evocação de informações”. Segundo Izquierdo (1989, p.91) “não é possível encaixar a enorme variedade de memórias possíveis dentro de um número limitado de esquemas ou modelos, nem reduzir seu alto grau de complexibilidade a mecanismos bioquímicos ou processos psicológicos únicos e simples”.

Claudia Cerqueira do Rosário (2002)⁵ nos oferece uma reflexão acerca da memória vista a partir da mitologia. Ela nos apresenta Mnemósine, do grego *mimnéskein*, "fazer-se lembrar", "fazer pensar", "lembrar-se". A titânida é filha de Gaia (a terra) e de Urano (o céu) e mãe das nove musas inspiradoras. Para a autora a memória não tem o simples papel de reconhecimento de conteúdos passados, “é o de fazer aparecer novamente as coisas depois que desaparecem”. O lugar da memória é o lugar da imortalidade e o esquecimento é a impermanência, a mortalidade. Na mitologia grega o esquecimento é representado por Lethe, do grego *Léthê*, "esquecimento" ou "ocultação", um rio localizado no Hades onde quem bebesse, esqueceria-se das vidas passadas. Para Rosário:

(...) a memória não está apenas no passado trazido a tona pela recordação, mas está presente em nossos corpos, em nosso idioma, no que valorizamos, no que tememos e no que esperamos. A memória nos identifica como indivíduos e como coletividade. A memória

⁵ Não foram apresentados os números de página referentes a citações de Cláudia Cerqueira do Rosário, pois o artigo “O Lugar Mítico da Memória”, disponível em <http://www.unirio.br/morpheusonline/Numero01-2000/clauidiarosario.htm>, não possui numeração de páginas.



permite mesmo que estas linhas sejam escritas em sequência coerente. (ROSÁRIO, 2002)

A memória liga o presente ao passado. Segundo a autora, lembramos aquilo que possui significado, o que é importante “vivemos entre a memória e o esquecimento, talvez porque vivamos entre o ser e o não ser mais”. É a memória que nos faz lembrar quem somos e que nos faz querer ir a algum lugar.

Paul Ricoeur (2007), em seu livro a “A memória, a história, o esquecimento” assim como Rosário (2002), nos traz em seu texto referência a Mnemósine, mãe das musas inspiradoras através do diálogo de Teeteto, no qual Sócrates nos apresenta a metáfora do pedaço de cera e nos diz que é nossa a escolha daquilo que ficará na memória. Nós fazemos a escolha entre memória e o esquecimento.

Pois então, digamos que se trata de um dom da mãe das Musas, Memória: exatamente como quando, à guisa de assinatura, imprimimos a marca de nossos anéis, quando pomos esse bloco de cera sob as sensações e os pensamentos, imprimimos aquilo que queremos recordar, quer se trate de coisas que vimos, ouvimos ou recebemos no espírito. E aquilo que foi impresso, nós o recordamos e o sabemos, enquanto a sua imagem (eidōlon) está ali, ao passo que aquilo que é apagado, ou aquilo que não foi capaz de ser impresso, nós esquecemos (epilelesthai), isto é, não o sabemos (SÓCRATES apud RICOEUR, 2007, p.28)

Maurice Halbwachs, outro grande estudioso do campo da memória, abriu espaço para influências como Leibniz, Simiand e Durkheim. Halbwachs (2004) nos diz que as memórias são sempre coletivas uma vez que as lembranças se constituem a partir das diversas memórias oferecidas por um determinado grupo, a que o autor denomina 'comunidade afetiva'. Essa memória coletiva atua como cimento social que mantém as partes unidas e também garante o sentimento de identidade de um indivíduo.

Para Halbwachs as memórias individuais alimentam-se da memória coletiva e histórica e incluem elementos mais amplos do que a memória construída pelo indivíduo e seu grupo. Segundo o autor a memória se transforma e se rearticula conforme posição ocupada e as relações estabelecidas nos diferentes grupos de atuação. Também está submetida a questões inconscientes, como o afeto, a censura, entre outros. A memória é um processo vivido, conduzido por grupos vivos, portanto, em evolução permanente e suscetível a todas as manipulações. É também, um elemento essencial da identidade e da percepção de si e dos outros e um dos elementos fundamentais de uma cultura.

História Oral



A história oral é um modo privilegiado para ensinar a História, para pesquisá-la e produzi-la. Para a maioria dos autores, ela é tão antiga quanto a própria História, já que desde Heródoto (século V a. C.) ela é praticada. No entanto, só recentemente passou a ser um campo científico. Joëlle Rouchou (2000) nos diz que “uma necessidade de relatar, de contar e registrar suas angústias logo após a Segunda Guerra Mundial, deu luz a uma nova ciência no campo da História: a História Oral”. Surgida em 1948, a História Oral se consolidou a partir da década de 60. Sobre a História Oral, a autora coloca que:

Embora diga respeito – assim como a sociologia e a antropologia – a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma. (...) A essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato de a História Oral dizer respeito a versões do passado, ou seja, à memória. . (ROUCHOU, 2000)

Chama-se de história oral porque está baseada nas manifestações de fala das pessoas, na sua oralidade: para poder construí-la, o ponto de partida são as memórias elaboradas pelas pessoas, a partir do tempo presente resgatando suas inserções nos acontecimentos e ambientes ao longo de suas vidas.

"História oral" é termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade[...] Dentro do quadro amplo da história oral, a "história de vida" constitui uma espécie ao lado de outras formas de informação também captadas oralmente. (QUEIROZ, 1991, p. 5-6)

Meio privilegiado de pesquisa científica, a história oral permite a captação, registro e análise das significações, ou representações, que o homem ou grupo social, no presente, atribui às ações e relações humanas praticadas no passado recente, das quais participou. Thompson falando a respeito afirma que:

“A história oral é **uma história construída em torno de pessoas**. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo.[...] Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos



mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história.” (THOMPSON,1992:44)

Lozano (apud FERREIRA & AMADO,1998, p.16) chama atenção para o fato de que a história oral é um espaço de contato entre várias áreas das ciências sociais, fortemente influenciada pela interdisciplinaridade “[...] com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais.” O autor destaca ainda que “(...) a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na *visão* e *versão* que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais.” (LOZANO, apud FERREIRA & AMADO,1998, p.16). A partir desta perspectiva torna-se claro que a história oral conta com metodologia e técnica de estudo e pesquisa em que os arquivos orais, assim como a constituição de suas fontes tem um importante papel.

A História Oral ao ser capaz de retratar as realidades, as vivências e os modos de vida de uma comunidade em cada tempo e nas suas mais variadas sociabilidades, é considerada como fonte identitária de um povo, por permitir a inserção do indivíduo e resgatá-lo como sujeito no processo histórico produtor de histórias e feitos de seu tempo.

Joëlle Rouchou em seu artigo História Oral: entrevista–reportagem X entrevista-história nos diz que em uma reflexão sobre as possibilidades de aproximação entre o Jornalismo e a História Oral, um dos pontos comuns entre ambos pode ser a entrevista. Ela nos diz ainda que para o jornalista, a voz do entrevistado é vital. Esse fato pode ser percebido ainda com mais facilidade dentro do Jornalismo Comunitário, onde o jornal expressa, ou deveria expressar, a voz da comunidade. Para a autora, a História Oral oferece diferentes possibilidades, como por exemplo a História Oral de Vida, onde a narrativa pode ser considerada o ponto mais importante e o testemunho é a fonte de riqueza e análise; a História Oral Temática, onde elege-se um fato/acometimento e as entrevistas com os participantes ou testemunhas vão limitar seu discurso àquele fato; já na Tradição Oral, a autora nos diz que esta se reporta a toda oralidade transmitida oralmente.

A utilização da história oral como fonte de pesquisa, como recurso, enriquece o trabalho de pesquisa e valoriza os 'atores sociais' como indivíduos, sujeitos-agentes de sua própria história. Desta forma, a história oral pode ser um meio de transformar o conteúdo e a finalidade da história, alterando o enfoque da própria história e revelando



novos campos de investigação, “devolvendo às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.”

O Jornal “O Pescador” e a produção de memória a partir das histórias orais contidas nos relatos jornalísticos

O Jornal O Pescador é como já mencionado antes, um veículo de comunicação comunitário impresso, de periodicidade regular e distribuído gratuitamente na Colônia de Pescadores Z3 em Pelotas. O projeto, com o objetivo de proporcionar aos alunos e comunidades, formas de ação jornalística participativa e diferenciada, se voltou a Z3, por ser uma comunidade extremamente carente, com vida própria, cultura peculiar, afastada do centro urbano. Sendo uma prática de extensão vinculada a uma disciplina, o custo da produção dos jornais é responsabilidade da universidade. O projeto iniciou no ano de 2000 e continua existindo até o presente momento.

A análise toma como objeto de estudo o jornal comunitário “O Pescador”, que tem seu início no ano de 2000 e integra a disciplina de Redação em Jornalismo II, como um projeto experimental, com tiragem de 2.000 exemplares e distribuição gratuita, o qual já teve suas características descritas anteriormente, bem como sua relação com a comunidade. Considerando que o jornal, no período que compreende os anos de 2000 a 2010, totalizou 42 exemplares, como se pode ver na tabela a seguir.

Tabela 1 – Edições disponíveis e o número de exemplares do “O Pescador”

Ano	Edições Disponíveis	Número de Exemplares
2000	01; 02 e 03	03
2001	05; 07 e 08	03
2002	09; 11; 12; 13; 14; 15 e 16	07
2003	17; 18; 19; 20; 21; 22; 23; 24; 25 e 26	10
2004	27; 28 e 29	03
2005	30	01
2006	31; 32 e 33	03
2007	34; 35; 36; 37 e 39	05
2008	41; 42 e 44	03
2009	45 e 46	02
2010	48 e 49	02
Total de Exemplares:		42

A análise detida pela busca por um padrão de memória expressa nas páginas dos jornais, levou a verificar inicialmente o que existia na capa e contracapa destas edições disponíveis. Foi possível detectar inicialmente uma aproximação visível com os anseios da comunidade, onde os interesses cotidianos figuravam agora como repositórios de



memória, uma forma de revestir a memória (CLAVAL, 2001) mantendo-a viva e mais permanente entre os pescadores.

Investigando a existência da construção e preservação de memória e sua relação com a produção jornalística comunitária, especialmente por meios de narrativas orais representadas pelos depoimentos dos moradores em suas páginas, foram analisados os gêneros jornalísticos presentes no objeto de estudo, que permitiram posteriormente elaborar as considerações finais.

A análise da categoria Memória, utilizou os gêneros jornalísticos já mencionados, encontrando nos recortes feitos, segundo Marques de Melo (2003), maior ênfase no gênero jornalístico opinativo, em que se enquadram ‘comentário’, ‘depoimento’, entre outros. No recorte feito com relação aos exemplares do Jornal comunitário, que se refere à memória, encontram-se 07 matérias que envolvem depoimentos, narrativas, histórias orais. O primeiro, “Olhar de Jarbas” registra o percurso de vida do personagem, sua história na comunidade e o acompanhamento da “maior parte das mudanças que aconteceram”. O segundo, “Pela lembrança de Zezé”, trata da vida de pescador na colônia Z3 e como a colônia era pequena, das dificuldades encontradas, hoje na atividade pesqueira e no descaso das autoridades com a poluição da Lagoa. O terceiro, traz a História da Colônia Z3 através das lembranças narradas por Pedro João Constantino, em que o peixe era salgado e vendido por arrobas para as indústrias de Rio Grande, da edificação dum mini cinema construído de madeira, funcionando somente à manivela. A quarta narrativa é o depoimento de Geraldo Nicoletti, que veio para a Z3 há 41 anos, quando a colônia era pouco habitada (sem televisão, rádio, ou qualquer outro tipo de aparelho eletrônico) que constituiu família onde todos são pescadores. Outro depoimento envolve mãe e filho: Joana Santos (78 anos) afirma que ‘antigamente era mais tranquilo e alegre’; seu filho, o pescador Luis Fernando, (49 anos) diz que, antigamente, não havia diversão para os rapazes (mais tarde surgiram os bailes no salão Marítimo), e, a construção da Divinéia, fato marcante, melhorando a vida dos pescadores. O sexto traz a História da Colônia Z3, através das lembranças de seu Bernardi Costa e dona Leda Peres Costa, casados há 58 anos. O sétimo e último depoimento, de Seu Macedo, conhecido como o “Adão da Sandu”, conta a história de uma ambulância mantida pela comunidade lá pelos idos de 1975. Motorista da ambulância, ele fala das dificuldades encontradas para chegar à cidade, tempo de percurso e as muitas histórias de vida. Depois da entrega da ambulância à prefeitura na década de 80, continuou a transportar os doentes em carro particular.



Conforme Pollak (1992), a *memória* é um elemento constituinte do sentimento de *identidade*, tanto individual como coletivo, construído no conjunto pelas experiências, vivências e narrativas do indivíduo e de seu grupo. Pode ser submetida a transformações constantes, transmite a cultura local herdada e é constituída por acontecimentos vividos socialmente. Nessa ótica, são três os elementos que servem de apoio à memória: os acontecimentos vividos, as pessoas e os lugares; sendo estes os elementos responsáveis pelo estabelecimento dos laços afetivos entre as pessoas.

Para o autor, a memória é seletiva, pois nem todos os fatos ficam registrados e os indivíduos só têm recordações dos momentos a que dão importância e que, por alguma razão, ficaram marcados subjetivamente. É o que se pode perceber nos relatos realizados, nas histórias orais relatadas nos depoimentos acima. Parte das lembranças também podem ser herdadas dos acontecimentos relacionados aos antepassados como, por exemplo, quando os sujeitos contam as experiências vividas por seus pais e avós. Outro gênero jornalístico que perpassa a categoria memória é o interpretativo, com o perfil, onde novamente as narrativas traduzem a história das pessoas e da comunidade pela oralidade. Ao construir os perfis, histórias são contadas. O perfil primeiro relata a história do pescador Claudemar, 48 anos, morador da Z3 há 44 anos, que acredita que as pessoas da comunidade são fortes e trabalhadoras, superando as dificuldades. O segundo, conta a história de Laci, pedagoga há 27 anos, vice-diretora da escola Raphael Brusque, envolvida com as crianças e com os idosos. O terceiro, narrado por Regina, fala de sua mãe, Maria de Lourdes, que trabalhou na escola e a dificuldade de começar suas atividades lá. A velha escola de madeira dá lugar, hoje, à nova, lembrando que na época não havia a ponte que liga a Z3 à praia do Laranjal e o deslocamento se dava de balsa.

A produção em jornalismo informativo está presente nessa categoria com três reportagens. Na primeira, ‘A Fúria do Mar’, conta a história dos barcos Surrão (nafragou com três pessoas e só uma sobreviveu), e Magalhães (sem vítimas fatais). A segunda aborda os 77 anos de Escola Raphael Brusque, a história da sua fundação em 1928, mostra que tem sua própria cultura e estrutura de ensino e projeta a implantação do ensino médio. A terceira, ‘A arte como alternativa de renda para os pescadores’ fala sobre como o artesanato começou a despontar, em 2003, tornando-se importante alternativa de renda para as famílias da Z3.

Do gênero opinativo está presente a matéria jornalística conhecida como coluna, em que a primeira ‘Colônia no Coração’ fala sobre a trajetória de Gabriela Mazza no



jornal, das lembranças de sua participação no projeto. A segunda trata das recordações da Colônia Z3 ou como era conhecida Arroio Sujo e a terceira, ‘Pesando Recordações’, traz a história da Divinéia, e relata a história do pequeno ancoradouro-baia que tem a função de proteger os barcos da fúria da mãe natureza, todas as histórias contadas pelos moradores da Z3.

Considerações acerca dos resultados

Feitas as considerações sobre a Comunicação, o Jornalismo, o Jornalismo Comunitário, a Memória e a História Oral, nos voltaremos agora para suas interrelações. O jornalista, ao realizar entrevistas com o método da história oral, poderá descortinar novos campos de investigação, além de ter acesso a materiais que não são públicos (THOMPSON, 1992), isto, em um país que não tem uma política pública eficaz de acervo como o Brasil, pode representar um importante aspecto na diversidade das informações e da comunicação. Medina (1986), Piza (2003), Marques de Melo (1994, 2003), entre outros, afirmam que os textos jornalísticos têm como funções informar, explicar ou orientar os leitores, e se enquadram em três categorias básicas; a primeira caracterizada pelo jornalismo informativo; a segunda em que se enquadra o jornalismo interpretativo; e, por fim, aquela que contém o jornalismo opinativo. Mas é também no conteúdo que é possível verificar uma alteração de enfoque surpreendente. O historiador Paul Thompson, ao discutir a importância da história oral levanta uma questão que é passível de se correlacionar com a produção jornalística: “A colaboração da História Oral na produção jornalística pode se dar não só no aspecto da recuperação do passado, mas também na forma da abordagem. É possível então levantar em quais tipos de entrevistas a utilização desta metodologia é recomendável.”

Ao produzir um jornal comunitário, cuja realidade é bem diferente da dos meios de comunicação de massa, e portanto do jornalismo tradicional, o processo de fechamento é considerado lento e muitas vezes os participantes da comunidade tem acesso aos textos (entrevistas, relatos, etc) antes da publicação, que busca estar em consonância com a forma de vida e a cultura do grupo social, geralmente existe e é valorizada a tradição/ história oral. Para eles, a fala, mais que um meio de comunicação, é uma forma de preservação da sabedoria, um testemunho de uma geração para outra que pode ser preservada pelo jornalismo.

Conforme o referencial teórico, na perspectiva de Pollak (1992), os acontecimentos históricos são auxiliares na nossa memória; não desempenham outro



papel, senão as divisões do tempo assinaladas em relógio ou determinadas pelo calendário. É o que se percebe nos conteúdos do jornal comunitário em estudo. Um indivíduo para lembrar seu passado tem que se remeter às lembranças dos outros, que se constituem em pontos de referência, onde estão fixados pela sociedade. Desta forma, a memória coletiva envolve sentimentos de pertença e identidade, já que ela é sempre dependente das interações e dos grupos sociais, em que a história oral desempenha relevante função.

A história oral presente nos gêneros jornalísticos mencionados, depoimentos, narrativas, perfis, é registrada e privilegia os acontecimentos vividos, as pessoas e os lugares, elementos não só responsáveis pelo estabelecimento de laços afetivos na comunidade, mas que servem de apoio à memória. Assim, por meio do referencial teórico estudado e observando a produção das matérias jornalísticas pode-se inferir que a memória é uma construção social, produzida pelos homens e grupos sociais a partir de suas relações, de seus valores e de suas experiências vividas. Tal fato pode ser constatado nos relatos feitos pelos pescadores e moradores da Colônia de Pescadores Z3 nas páginas do jornal comunitário, mesmo em seus diferentes gêneros jornalísticos: jornalismo, memória e história oral estão totalmente imbricados.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz; QUIRINO, Newton de Oliveira. Subsídios para uma teoria da comunicação de massa. São Paulo: Summus, 1986.

BOSI, Ecleia. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMPOS, Pedro Celso. <Entrevista concedida em 20 set. 2006>. In: SEQUEIRA, Cleofe; BICUDO, Francisco. 2006. Jornalismo comunitário importância, conceitos e desafios contemporâneos. Disponível em: [http://www.observatoriadaimprensa.com.br/artigos.asp cod 405DAC004](http://www.observatoriadaimprensa.com.br/artigos.asp%20cod%20405DAC004)>. Acesso em: maio 2009

CARNICEL, Amarildo. Jornal comunitário e história oral: correlações em trabalho realizado na periferia de Campinas. REBEJ – Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo. Ponta Grossa, v.1, n. 6, p. 33-57, dez. 2009/mai. 2010.

CLAVAL, Paul. A geografia cultural. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

DEOLINDO, J.S. Jacqueline da Silva. Jornalismo e memória local: no registro do cotidiano, o resgate da história. Trabalho apresentado na Sessão de Temas Livres In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28º, 05-09, setembro, 2005. Rio de Janeiro. Anais. São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.

FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaina. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro:



Fundação Getúlio Vargas, 1998

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

IZQUIERDO, Ivan. **Memórias**. Estud. av. vol.3 no.6 São Paulo May/Aug. 1989, disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v3n6/v3n6a06.pdf>, acesso em 05.07.2011.

JODELET, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. IN: D. JODELET (Org.) As representações sociais. Rio de Janeiro: UERJ.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo**. São Paulo: Edusp, 1997.

MARQUES DE MELO, José. (1994) A opinião no jornalismo brasileiro. 2.ed. Petrópolis: Vozes.

_____. (2003). Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3.ed. revista e ampliada. Campos do Jordão: Mantiqueira.

KOSSOY, Bóris. (2007). Os Tempos da Fotografia: O Efêmero e o Perpétuo. Cotia/SP: Ateliê Editorial.

_____. (2005). Mídia: imagens, ideologia e memória. In: BRAGANÇA, Aníbal e Moreira, Sonia Virginia (Org.) Comunicação, Acontecimento e Memória. São Paulo: Intercom.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. São Paulo: T. A Queiroz Editor, 1991

POLLAK, Michael.(1992) Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 5, n. 10.

THOMPSON, P. A Voz do passado: história oral. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 1992.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. Dicionário de comunicação. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

RICOEUR, Paul. A Memória, a história, o esquecimento. Campinas, Unicamp, 2007.

ROUCHOU, Joëlle – História Oral: Entrevista-Reportagem X Entrevista História. In: Revista Brasileira de estudos da Comunicação – São Paulo, volume 23, n o 1, janeiro-junho de 2000.

ROZÁRIO, Claudia Cerqueira do. O Lugar Mítico da memória. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 01, número 01, 2002, disponível em <http://www.unirio.br/morpheusonline/Numero01-2000/claudiarosario.htm>, acesso em 05.07.2011.

RÜDIGER, Francisco. Tendências do jornalismo. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 1998.